

# Nem linchamento de mercenários nem repressão policial

Via [Resumen Latinoamericano](#)

Vejo uma certa tendência a deturpar o discurso de nosso presidente, dizendo que ele incitou a luta entre os cubanos. Antes de tudo, é bom esclarecer que Díaz-Canel definiu claramente três grupos nas manifestações que ocorreram em algumas localidades: revolucionários afetados por uma situação difícil, pessoas que acreditaram nas histórias de estrada que a mídia mal-intencionada de Miami transmitiu, e um núcleo provocador e incitador de contra-revolucionários.

Ao contrário de outras geografias muito próximas a nós, incluindo os Estados Unidos, ninguém foi morto como na Colômbia ou teve seus olhos arrancados com balas como no Chile, nem foram espancados como nos Estados Unidos como nos protestos do movimento negro por direitos. O mundo foi capaz de contemplar uma imagem incomum: um presidente no vórtice do furacão falando, dialogando, explicando... Isso não se vê em nenhum lugar deste planeta. Sua atitude é admirável, pois é admirável o esforço que o país está fazendo enquanto seu poderoso vizinho está determinado a sufocá-lo a fim de chegar mais tarde como um salvador e impor seus projetos.

Díaz-Canel não chamou a desordem, não chamou a abusar de ninguém; ele não chamou os linchamentos ou a repressão policial, o que é comum em um mundo hipócrita onde as pessoas falam de liberdade para impor a ditadura dos poderosos. Díaz-Canel nos pediu que não permitíssemos um golpe suave para justificar um pronunciamento da OEA pedindo uma intervenção militar humanitária, como eles têm feito em todos os lugares. Vale a pena lembrar o que Martí disse a Gonzalo de Quesada há

mais de cem anos: “E uma vez que os Estados Unidos estejam em Cuba, quem os tirará de lá? Cabe aos revolucionários e ao povo cubano, patriótico e soberano, impedi-lo. Não podemos ser ingênuos; uma operação de desestabilização contra nosso país já vem sendo realizada há algum tempo e deixá-la correr nos custaria nosso sangue. Há muitos exemplos.

Quanto à luta entre cubanos, houve uma no século XIX, entre patriotas e autonomistas; houve uma entre 1898 e 1902, entre independentistas e anexadores; houve uma após o nascimento da República distorcida pela Emenda Platt, entre patriotas e plattistas; houve na Revolução de 1930, frustrada por nossos ilustres vizinhos; houve depois do ano do centenário do Apóstolo, quando os revolucionários tingiram de vermelho as ruas e montanhas de Cuba, para pôr fim a um tirano sanguinário que trouxe luto e desonra à nossa pátria. Há e haverá uma luta de classes, é a luta entre a burguesia e suas forças, contra uma revolução dos humildes, pelos humildes e para os humildes.

Temos que conversar, esmorecer, oferecer argumentos, buscar soluções entre todos, com os jovens na vanguarda, em meio a um cerco que não cede, ao contrário, aumenta. Mas das atuais gerações de revolucionários não nos vão tirar as conquistas que nossos pais nos legaram em pé.

E não somos intolerantes ou irresponsáveis; pelo contrário, em meio a assédios e provocações externas, prevaleceu a calma e a ação equânime. Isto não é um sinal de fraqueza; pelo contrário, é um sinal de confiança e de força. Mas fique tranquilo: se necessário, estamos dispostos a dar nossas próprias vidas pelos ideais de justiça e igualdade social pelos quais tantos caíram, desde que o Pai da Nação deu o grito de Independência ou morte! em Demajagua, e deu liberdade a seus escravos, juntamente com um lugar na vanguarda do Exército Libertador.